



## GT 034. Estudos etnográficos no mundo dos psicoativos

Edward John Baptista das Neves MacRae (Universidade Federal da Bahia) - Coordenador/a,  
Regina de Paula Medeiros (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais) - Coordenador/a

Nos últimos anos, o campo do estudo do uso de substâncias psicoativas, até recentemente apanágio quase exclusivo dos estudos em saúde ou direito, vem também se desenvolvendo de forma muito rápida na antropologia. A nova, mas não inédita, atenção dada aos seus aspectos culturais traz uma série de implicações teóricas, metodológicas, políticas e éticas. Destacam-se aí conflitos entre abordagens teóricas baseadas no interacionismo simbólico e as norteadas pela teoria ator-rede e as questões metodológicas relacionadas a uma maior ou menor participação nas práticas pesquisadas e na militância de diferentes movimentos sociais. Surgem diversas indagações. Pode/ deve o pesquisador usar substâncias psicoativas em campo junto com seus interlocutores? Qual o lugar da autoetnografia? Tampouco podem ser deixadas de fora questões éticas relacionadas ao estudo de populações com práticas ilícitas ou socialmente estigmatizadas. Que proteção se oferece aos sujeitos da pesquisa? E aos pesquisadores? Pensando nestas, propõe-se um grupo de trabalho para refletir sobre instrumentos metodológicos-éticos que possibilitam a compreensão dos contextos sociais onde pesquisadores investigam distintas práticas de uso de psicoativos, sejam eles lícitos, espirituais ou terapêuticos possam trazer à discussão os vários dilemas encontrados em seus estudos.

### Quando seu work de campo é o work de campo dos outros: etnografia e outreach

**Autoria:** Tiago Nogueira Hyra Chagas Rodrigues

O outreach (alcançar aqueles que estão fora?, numa tradução livre) é um conjunto de abordagens que busca fornecer, através de um work (de campo?, de abordagem de rua? ou de proximidade?), serviços ou assistência à população que, de outra forma, não teria acesso a eles. O emprego de suas técnicas e metodologias tem longa história tanto no campo sanitário quanto no do work social, especialmente no work preventivo realizado junto aos usuários de substâncias psicoativas. Privilegiando o contato direto com os usuários, seu ambiente, seus problemas, suas condições sociais, visando compreender seus estilos de vida e se valendo da experiência prática deles para poder elaborar ações e intervenções, esta abordagem tem diversos pontos em comum com o work de campo etnográfico realizado pelos antropólogos: encontrar as pessoas onde elas vivem, estabelecer contato, vínculos e relações de confiança, aprender seus códigos, suas lógicas, suas linguagens, suas normas coletivas, aprender o que pode ser dito ou não em determinado contexto, os significados das palavras, das ações e das práticas. No caso específico do work de outreach direcionado aos consumidores de psicoativos, a abordagem procura explorar, graças ao contato e à troca de saberes com os usuários, o surgimento de novas substâncias, de novos modos de consumo e as dinâmicas de assunção de risco em diferentes contextos e em populações específicas. Além disso, busca elaborar em conjunto e (idealmente) em pé de igualdade com os atendidos, as propostas de prevenção e redução de riscos. A partir do work de campo realizado pelo autor em instituições de prevenção de riscos e danos que utilizam técnicas e metodologias de outreach em Paris (FR) e São Paulo (BR), esta apresentação propõe relatar brevemente a história desta abordagem, descrever suas técnicas e metodologias, e repensar suas proximidades e distâncias com o fazer etnográfico.



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

